



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Faculdade de Educação**

XISTO BATISTA MOREIRA FILHO

**A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO NA ALFABETIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE
CURRALINHO.**

**Belém-Pará
2025**



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Faculdade de Educação**

XISTO BATISTA MOREIRA FILHO

**A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO NA ALFABETIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE
CURRALINHO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação (FAED), como requisito para obtenção de título de graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, orientado pelo Prof. Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza.

**Belém-Pará
2025**



**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Faculdade de Educação**

XISTO BATISTA MOREIRA FILHO

**A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO NA ALFABETIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE
CURRALINHO.**

Banca examinadora

Prof Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza
(Orientador)

Prof Dr. Alberto Paiva
(Avaliador externo)

Prof. MsC. Márcia Souza
(Avaliadora externa)

Data de aprovação: ____/____/____

**Belém-Pará
2025**

EPÍGRAFE

Consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?

(Freire, Paulo. 2013)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que durante esses anos de estudos me ajudaram de forma direta e indiretamente. À minha família, pelo apoio de todas as formas que precisei. As mães dos meus filhos pela paciência e ajuda. As pessoas que muitas vezes me acolheram em suas casas. Aos meus professores, desde o ensino fundamental até a graduação, pois são os exemplos da maioria de vocês que quero seguir na minha vida docente.

Dedico esse trabalho especialmente às pessoas que sempre irão estar presente na minha vida, aos quais tenho orgulho de citar seus nomes neste texto. São eles: Seu Xisto e dona Doralice, minha vida não existiria se não fosse vocês, e eu sei que meu pai, mesmo não estando presente em vida, onde ele estiver está muito feliz por esse momento. minha mãe, eu sei que mesmo eu não conseguindo expressar, a senhora sabe o quanto eu te amo e te agradeço por tudo, por todas as orações que a senhora tem feito a Deus e aos nosso protetores para que cuide de mim quando estou longe da senhora. Está chegando a hora de eu cumprir a promessa que fiz para a senhora, de colocar o anel de formatura em meu dedo. Letícia, Ryan e Fernanda, meus corações fora do meu peito, podem ter certeza que tudo o que fiz e o que passei nesses anos foi pensando e desejando dar um maior conforto a vocês, vocês são as razão de eu sempre querer está melhorando, sei que não sou o melhor pai, mas dou meu melhor para cuidar de vocês. Mary Terezinha, como fazer um agradecimento em um trabalho tão importante sem te citar? Não te preocupe, nossos irmãos não vão ficar com ciúmes, porque eles sabem a sua importância na vida de cada um de nós, irmã que desde que nosso pai foi descansar assumiu, junto com a mamãe, a incansável tarefa de nos cuidar, proteger e sustentar. Leide, Lica e Fabíola, mães maravilhosas de meus filhos, cuidam dos meus tesouros tão exemplarmente que eu agradeço a Deus todos os dias por ter me presenteado vocês como mães deles. Aos meus amigos que me acompanharam até o fim e depois do fim também, Ygor Bentes, Ana Palheta, Renata Leão, Eliani Santos, Stefane Paiva e outros que com certeza vão está pra sempre em minha memória.

Agradeço ao meu orientador, o Professor Dr. Carlos Nilo, que me conduziu magistralmente por essa pesquisa, obrigado pelas orientações, conselhos e pela paciência.

Aos meus guias e protetores, que vem cuidando e me afastando dos caminhos que me levam aos tropeços da vida, obrigado a todos os guias da Casa de Mariana, são vocês quem me protege, como são muitos citarei só alguns: Mariana, São Jorge Guerreiro, Zé

Pilintra, Zé Pretinho, meus padrinhos Pena Branca, e Pai João, Oxossi, Tranca Ruas das Almas, Jurema e todos que descem em nossa casa.

Por fim, e o mais importante agradecimento é a Deus, que de forma maravilhosa trabalha na construção da minha história, me dando a cada dia a oportunidade de levantar e escrever minha história de acordo com suas vontades, muitos chamam de destino, eu chamo de vontade de Deus.

RESUMO

A Pesquisa tem como objeto o nível da alfabetização no Município de Curralinho e os desafios que são enfrentados nesse processo. Fazer uma avaliação sobre como está a leitura crítica na alfabetização deste Município. Nosso objetivo neste trabalho é abrir uma discussão sobre o que fazer para melhorar a realidade encontrada atualmente no Município de Curralinho, buscando formar nossos alfabetizandos em leitores críticos. Tivemos como metodologia a pesquisa qualitativa analítica, de estudo de caso, teoria fundamentada e documental. Onde foram analisados dados e documentos referente ao tema. Usando como referência pesquisadores que buscam desenvolver uma alfabetização crítica, como Bell Hooks, Paulo Freire, Luciana Valle e José Pacheco. Buscamos analisar documentos em sites de Instituições como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE e Sistema Paraense de Avaliação Educacional-SISPAE. Chegando a conclusão de que existem fatores que dificultam a prática da formação leitora crítica em Curralinho e uma delas é a ausência de práticas pedagógicas críticas e engajadas, que valorizem a mediação de leitura, a escuta ativa do educando e a contextualização dos textos com a realidade sociocultural dos estudantes e a regionalização da literatura em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização Crítica; Alfabetização de Curralinho; Pedagogia Crítica e Engajada.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Memorial	13
3. A Educação Engajada	16
4. Considerações Finais.....	25
5. Referências Bibliográficas.....	27

1. INTRODUÇÃO

Segundo fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE¹), censo de 2022, o município de Curralinho, no Estado do Pará, tem uma população estimada em 36.451 (trinta e seis mil quatrocentos e cinquenta e um) habitantes e uma densidade demográfica de 9,37 habitantes por quilômetro quadrado. Dessa população, apenas 2.489 pessoas estavam trabalhando formalmente, com remuneração média de 2,6 salários mínimos mensal. Situado na Região Nordeste do estado do Pará, o Município encontra-se na latitude -1.81179 e na longitude -49.7952, na Ilha do Marajó, banhado pelo Rio Pará, distante 136 km da capital Belém, aproximadamente. Contudo, a viagem entre os dois municípios, demora em média 12 horas de navio.

De acordo com o censo 2023, o município obteve nota 3,5 nos anos iniciais e 3,3 nos anos finais do Ensino Fundamental, registrado pelo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) - o IDEB é um indicador que avalia a qualidade da Educação Básica no Brasil, levando em conta tanto o desempenho dos alunos, quanto a taxa de aprovação. Se levarmos em consideração a média nacional (6,0 para os anos iniciais e 5,0 para os anos finais do Ensino Fundamental), podemos dizer que Curralinho obteve uma das menores notas entre os 144 municípios paraenses.²

Em sua origem, Curralinho já foi uma fazenda particular, da qual seus proprietários dispunham de muita influência na região. Assim sendo, várias pessoas foram atraídas para a localidade, a maioria sendo de trabalhadoras/es que vieram para servir de mão de obra. Com o crescimento populacional, a fazenda foi elevada à categoria de vila, denominada de São João Batista de Curralinho (Lei provincial nº 479, de 06-03-1865) e efetivada em 1867, segundo o site da Prefeitura Municipal de Curralinho. Somente 28 anos depois, a vila foi elevada à condição de cidade (Lei estadual nº 324, de 06 de julho de 1895).

Cercado por rios e furos de água doce, o município de Curralinho é um dos maiores produtores de açaí do Pará, alto produtor de farinha de mandioca e produtos naturais, como castanha-do-pará, andiroba, camarão de água doce, peixes, pupunha, banana, macaxeira e outros produtos cultiváveis. Na cultura, o município se destaca com vários grupos folclóricos, dos quais podemos destacar: as quadrilhas juninas *Feitiço Marajoara*, *Raízes Junina*, *Fúria Junina*, *Maresia Junina*, *União Marajoara* e *Explosão Marajoara*, grupos folclóricos *Cuia Pitinga*, *Grupo Girassóis*, *Grupo Renascer da Secretaria Municipal de Assistência Social* e *Grupo Maresia da Igreja Católica*.

¹ Fonte: IBGE: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/curralinho.html>.

² Fonte: Inep: <https://gedu.org.br/municipio/1502806-curralinho>.

No mês de fevereiro, acontece o carnaval de Curralinho, com muitos blocos de rua e shows de bandas locais. Em junho, temos a festa de São João Batista, com muitas apresentações de quadrilhas e festas populares ao longo de dez dias. O Fest Verão Curralinhense acontece no mês de julho, juntamente com a Gincana de Férias, onde se destacam as equipes “Iaçá”, “Encantos Marajoara”, “Os Papa-Chibé” e “Lama na Canela”. As atividades culturais se intensificam em novembro, com o “Festival do Açaí” e o “Círio de Nossa Senhora de Nazaré”.

Curralinho também promove vários eventos esportivos, tais como: os Campeonatos Municipais de Campo e de Futsal, e o Torneio de Férias de Futsal. No município destacam-se alguns times: “Goiabada”, “Cospe Fogo”, “Grêmio” e “AFA” (campo), “Hoollygans” e “MAC” (futsal) - esses dois últimos, já representaram o município no Campeonato Paraense de Futsal e no Torneio Bené Aguiar, com conquistas de títulos. Ainda no esporte a cidade conta com espaços esportivos públicos e privados, onde podemos citar na esfera pública o campo Municipal Quaresmão, o Ginásio Municipal Agnelo de Castro Freitas, os ginásios das escolas municipais e de uma escola estadual e o Complexo de lazer e esportes na Avenida Dom Orione. Em se tratando de espaços privados, o Município conta com a Arena do Bigode, o Campo do Goiabada, o Campo do Jaque e a Arena Society Maruarú.

A cidade mantém espaços de lazer integrados à natureza. Muitos são espaços privativos, mas que são mantidos preservados, os quais podemos destacar os balneários: “Sítio do Pastaninha”, “Sítio Pacapuá”, “Praia do Erivam”, “Ilha do Bode” e “Sítio do Sacita”. Todos esses espaços contam com serviços de venda de alimentos e bebidas, além de possuírem um belo cenário natural.

Os visitantes que chegam em Curralinho podem contar com o serviço de hospedaria, para o qual se destacam o “Hotel Maruarú”, o “Hotel Esperança” e o “Hotel Ceará”. Todos localizados no centro da cidade, próximo ao Terminal Hidroviário e da Praça da Bandeira. Além da Praça da Bandeira, a comunidade também conta com a Praça da Bíblia, a praça do “C” (ambas localizadas e interligadas pela Avenida Jarbas Passarinho), a Praça do Açaí (localizada na Avenida Floriano Peixoto), a Praça da Igreja Matriz de São João Batista (em frente a Igreja Matriz da Paróquia homônima) e a Praça Carmencita (na orla da praia do Município).

Os visitantes que queiram se alimentar podem escolher os seguintes restaurantes: “Restaurante Serve Bem”, “Restaurante Recanto Sabor Marajoara”, “Restaurante Panela Cheia”, “DPJ restaurante”, “Restaurante Camussim”, “Restaurante Maria do Davi”, “Bar e Restaurante Ver o Rio” e “Bar e Restaurante do Jair”. Para quem deseja se deliciar com

uma cervejinha gelada, a cidade apresenta seus bares e conveniências. Nesse quesito, podemos destacar o “Bar da Praça”, o “Bar Imperial”, o “Collo Conveniência”, a “Conveniência do Posto Competro”, a “Conveniência Canecão”, entre outros.

No campo religioso, o município possui muitos espaços de várias correntes. Destacamos as Paróquias da Igreja Católica: “São João Batista” e “Nossa Senhora do Rosário”. Além destas, também se tem os templos das Igrejas Evangélicas: “Assembleia de Deus”, “Deus é Amor”, “Igreja do Evangelho Quadrangular”, “As Testemunhas de Jeová”, “Igreja Adventista do Sétimo Dia”, “Igreja Universal do Reino de Deus”, “Igreja Cristã” e outras denominações evangélicas. Quanto às religiões de Matrizes Africana, destacam-se o “Terreiro de Umbanda do Caboclo Pena Verde” e a “Casa de Mariana”.



Figura 1: foto da cidade de Curralinho (crédito rede sociais)

No que se refere à Educação em Curralinho, o Município, de acordo com as informações do Município de Curralinho, o Município possuía 46 prédios escolares, onde 43 têm a Secretaria Municipal de Educação como mantenedora, e 3 têm a Secretaria Estadual de Educação gestando-as. onde sua maioria estão situadas nos interiores do Município.

Em Curralinho, a maioria dos estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental apresentam um baixo desempenho no campo da leitura e da escrita. Mesmo entre as crianças que conseguem avançar até o 5º ano, boa parte demonstra dificuldade no desenvolvimento de uma leitura mais aprofundada e crítica com textos mais complexos. Uma pequena amostra dos dados apresentados pelo SisPAE (Sistema Paraense de Avaliação Educacional) sobre o desempenho escolar em Língua Portuguesa, entre os anos de 2022, 2023 e 2024, respectivamente, deixa claro esse déficit:

Rede - Localização		4º Ano	5º Ano	7ª Série / 8º Ano	8ª Série / 9º Ano	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Geral	Língua Portuguesa	200.6	151.4	203.3	199.2	211.6	225.0	227.8
Rede - Localização		4º Ano	5º Ano	7ª Série / 8º Ano	8ª Série / 9º Ano	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Geral	Língua Portuguesa		160.4	200.7		211.3	569.3	
Rede - Localização		4º Ano	5º Ano	7ª Série / 8º Ano	8ª Série / 9º Ano	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Geral	Língua Portuguesa		160.4	200.7		211.3	569.3	

Quando olhamos somente para os índices do 5º ano (151.4, 160.4, 160.4), em comparação com os níveis apresentados pelo sistema (Abaixo do Básico: <150; Básico: 150<200; Adequado: 200<250; Avançado: >250), percebemos que a média do desempenho dos alunos em Língua Portuguesa (o que pressupõem leitura e escrita) não passa do básico. Considerando que, segundo os descritores de proficiência, “Os alunos, neste nível, demonstram domínio mínimo dos conhecimentos, habilidades e competências desejáveis para o ano escolar em que se encontram”³, podemos dizer que o desempenho em leitura e escrita das crianças em Curralinho ainda se encontra longe de alcançar um nível ideal para se ter mudanças significativas em sua sociedade.

É preciso ainda dizer que, segundo o IBGE, Curralinho tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,502. Este índice, que varia de 0 a 1 e é composto por dados de expectativa de vida, escolaridade e renda *per capita*, tem uma média de 0,786 no Brasil. O IBGE também revela que a mortalidade infantil no município é de 23,74 óbitos por cada mil nascidos, onde a média no país é de 12,6. Por fim, o PIB *per capita* da cidade gira em torno de R\$7.551,38, enquanto que a média brasileira é de R\$55.247,45.⁴

É nesse sentido, que esse estudo busca, responder às seguintes questões: a) quais os maiores fatores que impedem a formação do leitor competente e crítico no município? O que se pode fazer para auxiliar os professores para um melhor desempenho no processo de mediação de leitura em Curralinho?

Acreditamos que ao responder essas questões, damos um primeiro passo para apontarmos caminho para a formação de um leitor crítico, capaz de se inserir ativamente nas camadas sociais, culturais, políticas do município e, com isso, contribuir para mudar o atual cenário em que se encontra o município de Curralinho.

³Dados extraídos do site do SisPAE: <https://www.seduc.pa.gov.br/sispae/index>. Acessados em: 30/06/2025.

⁴ Dados extraídos do site do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/curralinho.html>.

2. MEMORIAL

Nascido no dia nove de abril de mil novecentos e oitenta e quatro, filho de dona Doralice e de seu Xisto, dois seres ímpares no sentido de incentivar seus filhos a estudarem. Lavradores, roceiros, tinham como única meta ver seus filhos seguirem o caminho do Ensino Superior, mas a vida quis que apenas dois de seus nove filhos, conseguissem.

Com seis meses de vida fui diagnosticado com asma, doença que praticamente me impossibilitou de frequentar a escola até os nove anos de idade. Assim, passei a estudar em casa. Como morava no interior e minha irmã estudava na cidade, nas férias ela me dava “aula”. Lembro que meus pais compravam gibis e bíblias infantis, o que me incentivaram a gostar de ler. Mesmo tendo apenas a 4ª série, eles sabiam a importância da educação. Dessa forma, quando cheguei a frequentar assiduamente a escola, já sabia ler e escrever. Porém, ao contrário de muitos colegas, minha leitura era melhor que a escrita. Com isso, fui matriculado direto na 2ª série. Estudei no interior até a 4ª série no modelo da escola multisseriada.

Quando eu ingressei no ensino fundamental, eu tinha um olhar diferente para a leitura. Fazia muitas indagações sobre os textos lidos pela professora, pois eu trazia aquela leitura para o meu cotidiano e muitas vezes perguntava coisas aparentemente “sem nexos com o texto”. Na escola, me ensinavam a ler sem ultrapassar para além do que o livro didático orientava. Isso para mim, que sempre fui provocado por meus familiares a olhar criticamente para o texto, era desanimador. Nesse sentido, a escola era um bloqueio que não me deixava pensar “fora da caixa”. Quando questionava aquelas respostas prontas, diziam-me que era a melhor maneira de aprendizado.

Ao concluir a 4ª série, fui obrigado a me mudar para a cidade para continuar o meu percurso escolar. Nas séries seguintes, pouca coisa mudou. Lembro que meus professores me “prendiam” aquele tipo de leitura sem vida, sem imaginação, tudo estava atrelado às estruturas textuais. Foi assim, até conhecer um professor que me apresentou um livro chamado **Código Da Vinci**, de Robert Langdon. De início, fiquei bastante resistente, pois vivia uma vida religiosa e não aceitava ler algo que me levasse a questionar a religião em que tinha crescido e proferido minha fé. Contudo, ao devolver o livro de Langdon, o professor me apresentou uma música que me fez pensar. A música era “O Profeta”, de Zé Geraldo. Essa música me fez questionar, o que estou fazendo nesse mundo? O que estou fazendo para mudar o mundo que me envolve? Entendo hoje que aquele professor fez uma mediação de leitura, que me abriu um mundo para além do teocentrismo. Comecei a ficar mais livre para questionar o que não concordo com a

religião que me era apresentada. Acabei lendo depois o **Código Da Vinci** e não achei que fosse um texto impróprio ou pecaminoso. Como também não eram meus questionamentos e minha inquietações.

Foi com essas inquietações que cheguei ao Ensino Médio. Minhas expectativas diziam que, nesta nova etapa, eu iria ser mais cobrado, no sentido de ter que fazer interpretações mais profundas dos textos. Ou seja, agora a escola iria me ensinar a ir para além do texto. Ledo engano. Meu Ensino Médio foi feito no formato Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME). Neste sistema, estudava em um mês, ou menos, as disciplinas que devia estudar em um ano. Não tinha tempo a perder com práticas de leitura ou escrita que me fizessem refletir o mundo. Estava sob um sistema de ensino completamente conteudista, que me exigia respostas prontas, decoradas de um grande volume de informações esvaziadas de sentido.

Foi assim que concluí meus estudos na Educação Básica. Tentei, no mesmo ano de conclusão, entrar na universidade, mas fui desclassificado na segunda fase. Com isso, segui o caminho que muitos filhos de pobres seguem, fui procurar emprego. Mas, como tinha um ambicioso projeto da vida, que era cursar o Ensino Superior, migrei para Belém. Tinha certeza que, se conseguisse um emprego na capital, teria mais oportunidade de cursar uma faculdade. Mais uma vez minhas expectativas foram esmagadas pelo sistema. Só consegui emprego na construção civil, o que não me dava tempo para estudar para o ENEM - ou estava trabalhando, ou estava descansando para continuar trabalhando.

Certo dia, minha família me informou que estavam abertas inscrições para concurso público em minha cidade natal. Vi naquele momento a chance de voltar para o seio familiar e, ao mesmo tempo, voltar a investir nos estudos. Fiz o concurso, fui aprovado e retornei a Curralinho. Durante esse tempo, conheci a pessoa que seria minha grande motivação para voltar a pensar em cursar uma faculdade, minha filha Letícia Beatriz. Em seguida, veio o meu segundo filho, Ryan Moreira, e por fim minha caçula, Fernanda Beatriz. Nesse período, passei em duas universidades particulares que ficavam em outra cidade. Porém, por ter que me deslocar, não tive recurso financeiro para dar continuidade.

Sempre desejei ser professor e expressei isso à mãe da minha filha caçula, que passou a me dar todo apoio. Então, voltei a me preparar, depois de muitos anos sem tentar o ENEM. Foi com esta motivação que consegui passar no curso que sempre sonhei fazer: Pedagogia, na Universidade Federal do Pará.

Mas por que estudar pedagogia? Não consigo explicar o motivo, mas posso te dizer as pessoas que me inspiraram: Mary Terezinha, minha irmã e primeira professora,

que me alfabetizou em casa; Lúcia Helena, minha primeira professora escolar, mesmo não tendo o Ensino Médio concluído, foi quem me ajudou com excelência a concluir o Fundamental menor; Deuzinha Miranda, pessoa que me mostrou como um professor deve educar; Odair Estumano (Beto), o que me emprestou o livro **O Código Da Vinci** e me mostrou que precisamos ir além do que a escola mostra nos livros didáticos; Jorge (professor de matemática), que me ensinou sem auxílio do livro didático e me apresentou problemas relacionados ao nosso dia-a-dia. Dessa forma, presto uma pequena homenagem a todos os professores que de maneiras positivas me formaram como pessoa e como profissional. Agradeço a todos e a Deus por está neste momento concluindo a faculdade.

Já ingressando na Universidade Federal do Pará, tive o prazer de dividir conhecimentos com professores que me instigaram a ler criticamente. No começo, confesso que tive muita dificuldade, muito por conta da precarização do Ensino Básico em que passei. Porém, com paciência e dedicação, fui superando os desafios. Na universidade, tive o prazer de ler pensadores, como: Paulo Freire (e seus pensamentos sobre alfabetização), Piaget, Vygotsky, Wallon, Smolka, Mortatti, entre outros. Além disso, a universidade me deu a oportunidade de viver a prática docente, ao participar do Projeto Residência Pedagógica, no qual pude viver o dia a dia da sala de aula como docente. Nesses quase cinco anos de universidade, pude participar de grandes eventos, como foi o caso do “Congresso Nacional de Alfabetização-ABALF”. Tive também a honra de conhecer os grupos de pesquisas coordenados pelos professores do ICED e aí destaco dois dos quais faço parte, o *Grupo de Estudos Literários na Amazônia e Formação de Leitor* (GELAFOL), coordenado pelo Doutor Nilo Souza, e o *Grupo de Estudo e Pesquisa em Leitura, Escrita e Alfabetização na Amazônia* (LEIAA), coordenado pela doutora Selma Pena.

No decorrer desses anos dentro da universidade e aumentando meu repertório de leitura, me senti muito incomodado com a forma que ainda é aplicado a didática nas escolas, principalmente na Educação Básica, no que se refere à alfabetização. Por acreditar que essa fase do processo de escolarização é o pilar na formação do sujeito, dediquei-me em estudar tal processo que hoje apresento em forma de Trabalho de Conclusão de Curso. Acredito que, com esse estudo, poderei colaborar com outra forma de olhar para a formação de leitores nas escolas, distintas dos métodos de leitura “decoreba”. O que me motiva a realizar essa pesquisa é a luta por tentar mudar a realidade educacional em Currálinho e provocar nos estudantes a leitura crítica.

3. A EDUCAÇÃO ENGAJADA

Segundo bell hooks (2023), para que o ensino seja de fato voltado para a emancipação do sujeito é preciso respeitar os educandos em sua individualidade. Nesse caso, é preciso saber que todos aprendem de forma diferente em tempo distintos. Não se trata de níveis de aprendizado – os que aprendem com facilidade e os que têm dificuldades –, mas que somos seres distintos e que existem muitas formas de se aprender:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (hooks, 2013, p. 25).

As palavras de hooks nos apontam não apenas para um método ou um modelo de ensino escolar. Na verdade, ela parte de uma outra concepção de educação, um olhar que enxerga a educação como prática libertária. Mas liberdade para que? A liberdade de que nos fala a autora, não pode ser outra senão aquela que possa incluir a todos, sem deixar ninguém para trás. hooks, com isso, questiona toda pedagogia que reforça as estruturas de poder mantenedoras de injustiça e exclusão. Por isso, ela propõe uma pedagogia engajada, onde a “liberdade” ganha sentido de “revolução de valores”:

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (hooks, 2013, p. 50)

O que hooks defende é um olhar crítico tanto do educador, quanto do educando. Entendemos que esse olhar crítico se dá justamente com a mediação e a formação de leitores. Liberdade, portanto, tem de ser o verdadeiro objetivo da educação. E isso pressupõe uma prática pedagógica baseada no amor ao ‘outro’, na justiça e na transformação social. Não se trata de um conceito abstrato, já que hooks entende a educação libertária como uma capacitação para a emancipação, tanto no plano individual, quanto no coletivo. O efeito dessa concepção de ensino leva fatalmente o sujeito a desafiar as hierarquias do poder constituído. Questionar o *status quo* do sistema escolar deve fazer parte dos princípios de todo educador que busca combater as barreiras do preconceito de raça, gênero ou classe.

Sabemos que essa visão de hooks tem como alicerce o pensamento de Paulo

Freire (1989), que sempre defendeu uma educação focada na emancipação do sujeito ante uma sociedade opressiva. E isso só é possível quando o educador se dá conta de seu papel, ele tem de ser, antes de tudo, consciente de seu engajamento político-ideológico:

O que devo pretender não é a neutralidade da educação mas o respeito, a toda prova, aos educandos, aos educadores e às educadoras. O respeito aos educadores e educadoras por parte da administração pública ou privada das escolas; o respeito aos educandos assumido e praticado pelos educadores não importa de que escola, particular ou pública. É por isto que devo lutar sem cansaço. Lutar pelo direito que tenho de ser respeitado e pelo dever que tenho de reagir a que me destratem. Lutar pelo direito que você, que me lê, professora ou aluna, tem de ser você mesma e nunca, jamais, lutar por essa coisa impossível, acinzentada e insossa que é a neutralidade. Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “Lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele. Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e de descaso? (Freire, 1996, p. 57)

Não estamos falando aqui de um “super-professor”, aquele que tem a chave para todos os problemas. Ao contrário, estamos falando de educadores conscientes de suas limitações e, exatamente por saber disso, entendem que se encontram em contínuo processo de aprendizagem: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (Freire, 1989, p. 31).

O que há de fundamental nesse modo de conceber a educação escolar? A princípio, abandona-se a ideia de que cabe ao educador o repasse de conhecimento. Ninguém repassa nada a ninguém, mesmo quando alguém aprende algo. Com isso, elimina-se a figura clássica do professor como detentor do conhecimento, aquele que traz consigo um conteúdo a ser repassado aos desprovidos de saber. Essa concepção retrógrada de educação não é senão uma concepção de saber como algo utilitário, algo não tem valor em si e, portanto, tem sempre de ter um resultado concreto: um bom emprego, a aquisição de bens, a ascensão social, etc.

Diferentemente dessa concepção de educação predominante nas escolas, trabalhamos com o conceito de “mediação”. Entendendo “mediação” não como um elemento que serve como ponte entre o educando e o conhecimento - ou estaríamos retornando à ideia de repasse -, mas como o ato de fomentar no sujeito o desejo de querer aprender sobre algo. Nesse caso, o mediador é mais um provocador, aquele que eleva a curiosidade e o desejo do educando na busca pelo conhecimento, isso vale para todo o processo de formação, da alfabetização à formação da leitura crítica:

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem (Freire, 1989, p. 28, 29).

A busca por uma formação do leitor crítico compreende que a diversidade de pensamento em uma sala de aula é saudável e positiva. Na verdade, é esse o ideal em se considerando o plano da leitura. Sem que se tenha uma única linha de raciocínio ou visão de mundo, o texto lido retoma sua principal característica: a polissemia. É nesse sentido que José Morais argumenta:

Não lemos todos um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e as frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados (Morais, 1996, p.13).

Respeitar a leitura de todos os leitores não significa, de antemão, que não se possa debater as ideias. Na verdade, uma boa mediação de leitura, as intervenções de um leitor experiente, aquele que, sem impor uma única percepção, equilibra os exageros, desfaz equívocos, tira dúvidas, preenche lacunas. Sem uma orientação mediada, a prática da leitura pode perder sentido e, por conseguinte, o interesse do leitor iniciante.

É preciso que o professor veja o aluno como o protagonista da aula, que ele não seja apenas o ouvinte, mas que passe a construir com o professor as aulas, interagindo com o mesmo:

Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo (hooks, 2013, p. 25).

Interagindo com o assunto, Paulo Freire vai nos falar sobre a “Educação Bancária”, um tipo de pedagogia em que o professor deposita o conhecimento e o aluno apenas o recebe e o guarda para que seja usado no “momento certo”. Essa forma de ensino não permite a formação de um aluno crítico, pois não reconhece uma sala de aula como um

lugar onde se promove a reflexão livre, o diálogo constante, o debate pertinente, em suma, a busca pelo conhecimento mediado, mas autônomo. Nesse caso, hooks comunga com as ideias de Freire, principalmente quando a autora entende que o modelo escolar tradicional vê no educando apenas um ser que está ali para “consumir a informação dada por um professor e ser capaz de memorizá-la” (hooks, 2013, p. 26).

O que hooks nos apresenta é uma visão de educação centrada no educando, sua conscientização, olhando para sua realidade, compreendendo seu lugar no mundo, sem esquecer de sua origem e sua identidade. Sob esses termos, a autora envereda por uma configuração crítica da escola que se opunha às questões sociais fundamentais, como é o caso do combate ao racismo:

De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (hooks, 2019, p. 29).

Assim sendo, usar o aprendizado como ferramenta para transformar a realidade que o educando convive é fruto de uma educação engajada, mediada por um professor que tem consciência de sua classe e de seu papel político-ideológico: “Traduzindo esse termo como consciência e engajamento críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos” (hooks, 2013, p. 26).

É fato que a escola ainda estabelece de forma predominante o lugar do estudante como meros ouvintes. É um tal de: “senta”, “silêncio”, “só o professor que fala”, “não quero saber”, “isso está errado”, “copie”, “faça a tarefa”. Esse tipo de tratamento faz com que o educando não amadureça, nem construa sua autonomia. Ele passa a achar que não sabe nada e que é incapaz de saber. Quantas ideias maravilhosas não se deixou de ouvir silenciando o educando? Quantos pensamentos não se silenciaram quando não foi dada a atenção necessária?

Um ensino crítico de leitura tem como princípio básico a escuta do educando. Durante a prática de leitura e escrita, a fala do sujeito e seu entendimento sobre o texto são passos fundamentais para que sua leitura seja vista como algo importante e ele se sinta valorizado. Quando a preocupação do professor se concentra em “passar conteúdo”, o leitor em potencial poucas vezes se identifica com a prática. Isso porque não se vê como centro da ação. Mas o pior resultado disso tudo é que, via de regra, se forma um

sujeito passivo, esperando o “conhecimento” concedido pelo professor. O ensino não passa de um exaustivo processo burocrático de memorização de dados fornecidos pelo professor e cobrados em certames avaliativos esvaziados de sentido. O educador José Pacheco faz uma singular reflexão sobre esse modelo de ensino: “Ainda há quem pense que basta decorar matéria e vomitá-la numa prova, sem perceber que a maior parte dos conteúdos supostamente aprendidos (segundo pesquisas recentes) se esvai da memória alguns meses após a prova. Aliás, uma prova quase nada prova” (Pacheco, 2014, p. 59).

Sujeitos calados, com medo de se expressarem, ou agressivos, com atitude violentas, são resultados visíveis quando olhamos para a escola, as públicas em especial. Essa percepção gera inúmeros discursos que apontam pseudo-soluções para o problema. Em carta ficcional à Rui Barbosa, Pacheco também faz referência a essa realidade:

Como vês, caro Rui, pouco, ou nada, mudou em mais de um século. A indisciplina é naturalizada, jovens são expulsos das escolas sem que se perceba que os maiores responsáveis de múltiplas violências não estão entre os pobres da favela, mas entre os poderosos deste país (Pacheco, 2014, p. 88).

Formar leitores com visão crítica é ter cidadãos com consciência de sua liberdade de expressão. Entendendo que tal liberdade não significa autorização para que possa fazer uso de suas opiniões para ofender, difamar, cometer injúrias ou propagar mentiras que resultem em prejuízo de terceiros. A liberdade de expressão vem junto à consciência de que toda ação traz suas consequências e todos são responsáveis por suas ações. Se essas ferem as regras e as leis impostas pela sociedade. Ou seja, a formação do leitor crítico implica diretamente em uma formação ético-cível, onde o mediador é também um exemplo na relação que constrói com o estudante. É nesse sentido que Freire diz que ensinar exige estética e ética:

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar (Freire, 1996, p. 18).

Valorizar a percepção do leitor iniciante, mesmo que para o professor não faça sentido tal leitura naquele momento, é fundamental para manter a reflexão ativa e a busca pelo conhecimento. Mas importante para o leitor iniciante é que ele mantenha-se na procura pela construção de sentido, “buscando não somente o conhecimento que está

nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver o mundo.” (Books, 2013, p. 27). Quando se escuta o educando, quando ele fala sobre sua experiência, tem-se a melhor via para se descobrir seus pontos de interesses. Tais interesses devem ser o ponto de partida no planejamento das práticas de leitura. Isso tem de ser uma constante em todo processo, da alfabetização à formação do leitor crítico:

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem (Freire, 1989, p. 28, 29).

É importante salientar que este trabalho não visa ensinar o professor a trabalhar a leitura e/ou a interpretação textual. O foco aqui é reforçar a importância de uma “pedagogia engajada” para se chegar à formação da leitura crítica. Segundo Ezequiel Theodoro da Silva: “o ato de ler é um ato perigoso àqueles que ilegítimamente dominam o poder” (Silva, 1995, p.12). De fato, o perigo aqui não é para o leitor em si, mas para os que abusam do poder para a promoção de injustiças sociais. A leitura é uma ação perigosa, pois eleva a consciência dos que, em geral, são subjugados:

A lei do “faça como eu faço” ou do “leia porque eu leio” é condição básica e imprescindível em qualquer pedagogia de leitura. Tenho afirmado que as práticas de leitura escolar, não nascem do acaso e nem do autoritarismo ao nível da tarefa, mas sim de uma programação envolvente e devidamente planejada, que incorpore, no seu trajeto de execução, as necessidades, as inquietações e os desejos dos alunos-leitores. Simplesmente “mandar o aluno ler” é bem diferente do que envolvê-lo significativa e democraticamente nas situações de leitura, a partir de temas culminantes (Silva, 1988, p. 66).

Tanto Silva, quanto Freire compartilham de uma concepção de uma pedagogia que enfatiza o senso crítico do estudante, que provoca o exercício da práxis como uma ação libertadora. Nesse contexto, o leitor busca entender seu mundo e mudar o que está errado nele. A transformação pela leitura crítica faz do aluno um ser que questiona o que, na sua experiência, aquilo que não faz sentido. E, que ao mesmo tempo em que questiona, é capaz de expor seu ponto de vista de forma clara e coesa. O que se entende de uma formação leitora crítica é que ela atenda, sobretudo, ao sujeito em sua compreensão de mundo e de si. Estamos falando, portanto, de ímpetos de sujeitos que

lutam pelos seus ideais desde muito jovens, tais como: Malala Yousafzai, Greta Thunberg, Francisco Vera e outros adolescentes que fizeram de suas vidas um exemplo de luta.

As práticas de leitura coletiva em sala de aula são ideais para promover a troca de experiência entre os estudantes. É preciso perceber que o professor faz parte desse diálogo como mais um entre os muitos debatedores. Decerto que sua experiência e sua expertise são fatores cruciais para a dinâmica de uma leitura envolvente, mas é preciso entender que essa diferença é epistêmica, não ético-cível. É fundamental que toda prática seja conduzida sem hierarquia quanto ao respeito às ideias e grau de importância. Estamos no nível dos argumentos, onde o que deve ser preservada é a lógica discursiva, não a autoridade dos interlocutores. Como em um jogo de xadrez, não importa se o xeque-mate foi dado por um adulto ou uma criança, no final o jogador derrotado cumprimenta o vencedor. Mas estamos falando de cordialidade na mediação de leitura, não de ganhar ou perder. Na verdade, no caso da leitura, não podemos falar de “vencedores e vencidos”, pois no fundo a busca pelo conhecimento não deve ser uma disputa. A leitura crítica não dissolve a razão na busca pelo bom senso. E nesse caso, os outros estudantes podem ser tão mediadores quanto o professor. Para isso, basta que eles tenham voz ativa em sala e que sejam ouvidos.

O aluno não vai para aula apenas para aprender que dois mais dois é igual a quatro, ele quer entender o porquê desse resultado. E olha que estamos falando de uma ciência exata. Imagina as dúvidas de sujeitos com visões distintas sobre o “descobrimento do Brasil”, ou sobre a verdadeira história da “Chapéuzinho Vermelho”, ou ainda porque a Dona Aranha quer tanto subir? Mesmo a chuva lhe derrubando.

Essas dúvidas só surgirão em sala de aula se o aluno tiver desde o início uma formação crítica em suas leituras. A formação desse sujeito que é envolvido nas práticas de leitura, que se sente protagonista na construção de sentido, é fruto da união de um ambiente onde o professor é aquele que reúne expertise e afetividade. Esse tipo de professor deve ser como aqueles que hooks esperava encontrar na universidade:

Aprendi, junto com os outros alunos, a me dar por contente se encontrasse um professor capaz de falar de maneira envolvente. A maioria dos meus professores não estavam nem um pouco interessados em nos esclarecer. Mas que qualquer coisa, pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade, dentro do seu reininho - a sala de aula (hooks, 2013, p. 30).

Decerto que as práticas de leitura não se equivalem a uma sessão de terapia, mas o fato do leitor iniciante ser ouvido faz da leitura um espaço de troca de subjetividade. Isso porque, toda leitura é fruto de uma diálogo com nossas vivências. Para hooks, os

estudantes “Querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida” (hooks, 2013, p. 33).

Sabemos o quanto é difícil e desafiador o trabalho docente, especialmente na alfabetização. Contudo, é na alfabetização que se tem as melhores oportunidades de promover as boas experiências de leitura. Por isso, é preciso apresentar às crianças textos instigantes, aqueles que antes provocavam o professor.

A perspectiva de uma educação engajada, capaz de formar sujeitos críticos e emancipados, exige uma ruptura com os paradigmas tradicionais de ensino, os quais ainda predominam em muitas escolas brasileiras. Como aponta hooks (2013), a prática docente libertadora pressupõe o reconhecimento da singularidade de cada educando e a compreensão de que o processo de aprender não é uniforme nem linear, mas atravessado por diferentes ritmos, histórias de vida e formas de apreensão do mundo.

A mediação nesse contexto, assume papel central. Mais do que repassar conhecimentos, o docente atua como provocador e instigador da curiosidade. Como destaca Smolka (2000, p. 21) “a escrita não é apenas uma habilidade instrumental, mas uma prática social, histórica e cultural, cujo significado se constitui na relação com o outro e com a linguagem”. Ainda segundo a autora, “a alfabetização é, antes de tudo, um processo discursivo, em que se constituem sujeitos, sentidos e significações” (Smolka, 2000, p. 25).

Essa concepção se aproxima da concepção de Vygotsky (2007), para quem a aprendizagem acontece na interação. Segundo o autor: “toda função no desenvolvimento cultural da criança acontece duas vezes: primeiro no nível social, depois no nível individual.” (Vygotsky, 2007, p.57). É nesse movimento que se evidenciam as condições da mediação.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e em cooperação com seus companheiros” (Vygotsky, 2007, p. 60). Como sintetiza o autor, “o que a criança é hoje em cooperação, será amanhã em seu desenvolvimento individual” (Vygotsky, 2007, p. 97).

Como sintetiza o autor, “o que a criança é hoje em cooperação, será amanhã em seu desenvolvimento individual” (Vygotsky, 2007, p. 97).

Essa perspectiva reafirma que a leitura e a escrita não podem ser reduzidas a exercícios mecânicos, baseados na memorização de sílabas ou estruturas rígidas, mas devem constituir-se como práticas de liberdade, como já apontava Freire (1989). Em um

município como Curralinho, cujos indicadores educacionais revelam fragilidades, a alfabetização engajada e problematizadora torna-se ainda mais urgente. Os dados apontados anteriormente, que mostram desempenho limitado dos alunos nos anos iniciais, não podem ser compreendidos apenas como déficit individual, mas como reflexo de um sistema educacional que ainda insiste em métodos centrados na repetição, em detrimento da reflexão crítica.

Adotar uma pedagogia engajada implica, portanto, reconhecer as condições materiais, sociais e culturais em que se inserem os estudantes. hooks (2019) alerta que modelos hegemônicos de ensino tendem a silenciar vozes, sobretudo de sujeitos historicamente marginalizados, como negros, mulheres e populações periféricas. A luta contra o racismo, contra as desigualdades de classe e contra o sexismo, assim, não é elemento externo à escola, mas parte constitutiva de uma prática docente verdadeiramente transformadora.

Nessa perspectiva, a alfabetização não pode ser apenas um processo de decodificação, mas também de encantamento. Como nos lembra Rubem Alves (2002, p. 14), “o nascimento do prazer pela leitura não acontece por meio da obrigação, mas do encantamento”. Para ele, o ato de ensinar é uma experiência que transcende o conteúdo: “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra” (Alves, 2003, p. 45). O desafio do professor, portanto, é cultivar esse prazer e essa magia, uma vez que “a educação não pode ser uma fábrica de repetições. Ela deve ser uma fábrica de sonhos” (Alves, 2000, p. 72).

É nesse horizonte que a alfabetização precisa ser concebida como base para a formação do sujeito crítico. O compromisso ético-político do educador se traduz na capacidade de promover experiências de leitura que dialoguem com a realidade dos educandos, ampliem sua visão de mundo e lhes permitam compreender-se como agentes de transformação social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente estudo partiu da realidade educacional do município de Curralinho, cuja análise estatística revelou índices preocupantes de desempenho escolar, especialmente no que se refere à leitura e à escrita. Com base nos dados do IBGE, do IDEB e do SisPAE, constatou-se que os estudantes permanecem, em sua maioria, em níveis considerados básicos, sem alcançar competências necessárias para uma leitura crítica e autônoma. Esse cenário não pode ser desvinculado dos fatores socioeconômicos e históricos que caracterizam a região, marcada por desigualdades estruturais, baixos

índices de desenvolvimento humano e precarização das condições de ensino.

Ao longo do trabalho, buscou-se discutir como a alfabetização, mais do que a simples aquisição do código escrito, deve ser entendida como um processo formador, capaz de constituir sujeitos críticos. Como afirma Smolka (2000, p. 25), “a alfabetização é, antes de tudo, um processo discursivo, em que se constituem sujeitos, sentidos e significações”. Nesse sentido, a prática alfabetizadora precisa ultrapassar o aspecto instrumental da escrita, constituindo-se como um ato social e cultural.

A análise teórica evidenciou a contribuição de autores como Paulo Freire, bell hooks, Rubem Alves e Vygotsky, que reforçam a ideia de que a educação engajada deve ser dialógica, participativa e transformadora. Como defende Freire (1996, p. 22), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Esse pensamento ecoa no de hooks (2013, p. 13), ao afirmar que “a educação como prática da liberdade é um ato de coragem, que reconhece a capacidade dos educandos de pensar criticamente”.

A mediação docente mostra-se essencial para provocar a reflexão e o encantamento pela leitura. Vygotsky (2007, p. 60) já advertia que “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e em cooperação com seus companheiros”. Esse processo de mediação só se efetiva quando o professor reconhece que ensinar é um ato de permanência na vida do outro. Rubem Alves (2003, p. 45) sintetiza isso ao afirmar: “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra”.

Conclui-se, portanto, que formar leitores críticos em contextos de vulnerabilidade social exige repensar práticas pedagógicas e metodologias de alfabetização. O desafio do educador é assumir-se como mediador, estimulando a curiosidade, o diálogo e a reflexão. Afinal, como bem lembra Rubem Alves (2000, p. 72), “a educação não pode ser uma fábrica de repetições. Ela deve ser uma fábrica de sonhos”.

Este trabalho não se encerra em si mesmo. Ele aponta, antes, para a necessidade de ampliar pesquisas e experiências pedagógicas que valorizem a leitura crítica como instrumento de transformação social. O caso de Curralinho é um retrato localizado de um problema nacional: a urgência de uma alfabetização comprometida com a formação do sujeito crítico e com a efetivação de uma educação pública de qualidade, verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.
- HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução: Stephanie Borges – São Paulo: Elefante, 2019.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- PACHECO, José. **Aprender em comunidade**. 1ª ed. – São Paulo: Edições SM, 2014.
- VALLE, Luciana. **Metodologia da Alfabetização**. Curitiba: InterSaberes, 2013 - (Série Metodologias).
- IBGE. **Curralinho (PA) – Panorama**. Cidades – Portal do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/curralinho/panorama>. Acesso em: 4 set. 2024
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CURRALINHO. **História**. Disponível em: <https://pmcurralinho.pa.gov.br/o-municipio/historia>. Acesso em: 6 set. 2024, às 17h37.
- GOOGLE. **Orla Praça Carmecita (Curralinho, PA) – mapa interativo**. Google Maps. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Orla+Pra%C3%A7a+Carmecita/@-1.8000083,-49.7935214,15z/data=!4m15!1m8!3m7!1s0x92a2b167cd92151b:0x724bbec5bd18b0a5!2sCurralinho,+PA,+68815-000!3b1!8m2!3d-1.8132757!4d-49.7981225!16s%2Fq%2F11bc5h6b09!3m5!1s0x92a2b1922b05a1bb:0xf8924b4060dfcdc0!8m2!3d-1.8120717!4d-49.7909899!16s%2Fq%2F11tn1_xrt9?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDIxOS4xIKXMDSOASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 24 fev. 2025.
- ESCOLAS.COM.BR. **Escolas estaduais em Curralinho, PA**. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Orla+Pra%C3%A7a+Carmecita/@-1.8000083,-49.7935214,15z/data=!4m15!1m8!3m7!1s0x92a2b167cd92151b:0x724bbec5bd18b0a5!2sCurralinho,+PA,+68815-000!3b1!8m2!3d-1.8132757!4d-49.7981225!16s%2Fq%2F11bc5h6b09!3m5!1s0x92a2b1922b05a1bb:0xf8924b4060dfcdc0!8m2!3d-1.8120717!4d-49.7909899!16s%2Fq%2F11tn1_xrt9?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDIxOS4xIKXMDSOASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 24 fev. 2025.
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- ALVES, Rubem. **A magia da leitura**. São Paulo: Papirus, 2002.
- ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Papirus, 2003.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 2000.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.